

## Os saberes de Ioty (Kaingang)

Todos os seres têm uma metade criadora *Kamé* e outra metade criadora *Kaiurukré*. *Kamé* e *Kaiurukré* têm poderes diferentes. O sol pertence à metade *Kamé*, que foi o primeiro a sair de dentro da terra após o dilúvio. Por isso, os *Kamé* trabalhavam durante o dia, para fazer os animais que pertencem ao dia. A lua pertence à metade *Kaiurukré*, que trabalhava à noite.

Contam que os *Kamé* criaram o *ming*, a onça... Ah, então, os *Kaiurukré* começaram a fazer bicho também! Mas ainda faltavam os dentes, língua e unhas quando começou a amanhecer... O que era muito perigoso... porque durante o dia os *Kaiurukré* não têm poderes. Colocaram, então, uma varinha fina e comprida na boca do bicho, que só conseguia comer formigas. Assim o *Ioty*, o tamanduá, nasceu.



Um dia, as metades Kaingang decidiram casar suas partes! Moço *Kaiurukré* casaria com moça *Kamé* e moça *kaiurukré* casaria com moço *Kamé*. Nesse tempo, o povo Kaingang já tinha muitas sabedorias, mas faltava uma sabedoria alegre... Eles ainda não sabiam cantar, nem dançar, nem fazer música... Então, o casamento entre os *kamé* e os *Kaiurukré* foi sem festa. Mas isso não podia ficar assim...

Por isso, naquele mesmo dia, o chefe da aldeia *Kaiurukré* partiu para floresta. Andou por muito tempo até chegar a um lugar que nunca havia estado antes: era uma pequena roça com o chão batido, como lá na praça da aldeia, e só tinha algumas árvores velhas e galhos quebrados espalhados pelo chão... Um mistério!

*Kaiurukré* não estava entendendo nada quando começou a ouvir cantos e músicas, uma mais bonita que a outra! De repente, os galhos que estavam no chão começaram a se balançar e a pular sozinhos, balançar e pular, balançar e pular... Estavam dançando!



Antes que Kaiurukré pudesse entender o que estava lhe acontecendo, eles os galhos o arrastaram para a roda. Kaiurukré ficou dançando muito tempo até cair no chão de cansaço...

Kaiurukré pegou alguns dos galhos e voltou para a aldeia. Reuniu todo seu pessoal, colocou os galhos na posição, mas que decepção! Nada de música, nada de canto! A aldeia toda riu dele.

Kaiurukré voltou para aquele lugar misterioso da floresta. Recolocou os galhos que havia pegado no lugar e se escondeu bem longe. Depois de muito tempo, começou a ouvir aqueles cantos e aquelas músicas, e viu, de novo, os galhos dançando! Em silêncio, seguiu andando na direção da música, que ia ficando cada vez mais alta, cada vez mais alta, cada vez mais alta...

Até que chegou numa pequena montanha, mas não era montanha! Era um formigueiro enorme e sobre ele estava o tamanduá-mirim, dançando e cantando! Com uma das patas, tocava um chocalho, e com a outra segurava uma flauta.

Quando o tamanduá parou de cantar e dançar e começou a cavoucar o formigueiro para comer, descobriu o esconderijo de Kaiurukré! Kaiurukré quis matar o tamanduá, mas percebeu que ele era o dono da dança e da música.

O tamanduá ensinou a Kaiurukré todas as músicas, cantos e danças! Depois, pegou o bastão de Kaiurukré, dançou e disse:

- O filho que sua mulher espera será um homem. Se alguém de seu povo me entregar um bastão e com ele eu dançar, o filho desse alguém será um homem. Quando eu largar o bastão e não dançar, será mulher.

O chefe Kaiurukré voltou para aldeia e contou para todo o povo Kaingang tudo o que havia aprendido com o tamanduá, bicho velho e sábio, que também sabe muitas outras sabedorias...

Contam os antigos, que foi assim que o povo Kaingang conheceu os cantos, as danças e a música!

Fonte: Contos da América do Sul. Coleção Lendas e Contos. São Paulo: Paulus; 1995.

Versão: Roda de Histórias Indígenas

